

© EDIPUCRS, 2012

CAPA **Giovani Domingos**

REVISÃO DE TEXTO **Patrícia Aragão e Caren Capaverde**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **Camila Provenzi e Jardson Corrêa**



EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
e-mail: edipucrs@pucrs.br - www.pucrs.br/edipucrs.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1 Qualidade da educação superior : avaliação e implicações para o futuro da universidade / org. Denise Leite, Cleoni Barboza Fernandes ; colab. Cecilia Luiza Broilo. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012.
588 p. – (Série Qualidade da Educação Superior ; 6)

ISBN 978-85-397-0206-0

Textos apresentados no X Seminário Internacional : A Qualidade da Educação Superior: grupos investigativos internacionais em diálogo, realizado na PUCRS, 2011.

1. Educação Superior. 2. Universidade – Avaliação.
I. Leite, Denise. II. Fernandes, Cleoni Barboza. III. Broilo, Cecilia Luiza. IV. Série.

CDD 378

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

A RELAÇÃO ENSINO/PESQUISA: CONCEPÇÕES E TENSIONAMENTOS

Mari Margarete dos Santos Forster

Maria Antonia Ramos de Azevedo

Cristina Bohn Citolin

Eliane Lourdes Felden

Sandra Regina Soares

Elisa Prestes Massena

O presente trabalho explora um recorte da pesquisa “Qualidade do ensino de graduação: a relação entre ensino, pesquisa e desenvolvimento profissional docente”, em andamento, inserida no contexto do grupo Formação de Professores, Ensino e Avaliação.¹ Para nos aproximarmos da temática, as análises vêm sendo realizadas em múltiplos eixos; para fins deste texto, dedicamo-nos a ouvir professores pesquisadores consolidados, de diferentes áreas do conhecimento, atuantes em instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia.

A coleta de dados foi realizada com base em critérios que nortearam a escolha dos parceiros da pesquisa. Nesse caso, mostrou-se relevante a experiência de docência universitária e pesquisa, de professores reconhecidos por sua produção científica, consolidada por bolsas de produtividade oferecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Partindo desse horizonte, contatamos dezoito atores, cujas considerações foram registradas por entrevistas semiestruturadas e questionários. As questões a eles propostas abarcam provocações à explanação acerca de pressupostos, aprendizagens e saberes implicados na docência e na pesquisa, da relação entre essas duas instâncias e possíveis tensionamentos no exercício do magistério, sendo a categoria da qualidade do Ensino Superior fundante em todas as indagações. As políticas educativas internas e externas também entrecortaram as considerações; o período de coleta deu-se entre julho de 2009 e julho de 2010. Visando à ampliação da análise interpretativa, contemplamos representantes da área da Medicina, Odontologia, Biologia, Educação, Administração, Geologia, Agronomia, Ecologia, História, Urbanismo, Química e Letras.

CONCEPÇÕES DE ENSINO E PESQUISA

O tripé sobre o qual a universidade se constituiu – ensino, pesquisa e extensão – para além de geradora de conhecimentos e inovação, é também

¹ Coordenado pela Professora doutora Maria Isabel da Cunha. Projeto financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que possui como objetivo principal compreender a relação entre ensino e pesquisa na graduação e seu impacto na formação e no desempenho do docente universitário.

vetor de tensionamentos e disparidades na atualidade. O quadro se agudiza ao tomarmos em conta as inúmeras demandas e frentes pelas quais a universidade brasileira é atingida, entre o atendimento de anseios da sociedade e as induções do mercado.

No epicentro desses movimentos, interpelados por ações de avaliação e regulação, estão os professores, que se veem mediante o desafio de articular o ensino na graduação e as requisições do exercício da pesquisa. Este texto lançará olhares para as vivências desses sujeitos, buscando compreender como eles respondem ao desafio de associar a docência universitária à pesquisa e como concebem essa relação.

Para Balzan (2002), a indissociabilidade entre ensino e pesquisa perpassa o entendimento de que a relação entre esses dois polos deve ser entendida, projetada e trabalhada como princípio metodológico: a pesquisa é trabalhada como ação teórico-metodológica que alimenta o ato de ensinar. Nas palavras do autor, entranham-se reflexões sobre o papel que o ensino e a pesquisa poderiam exercer no cenário universitário e na sociedade:

Como formar um aluno com a consciência clara de que sua formação jamais será completa, devendo se tornar um aprendiz durante a vida toda? De que adiantaria essa consciência se ele não dispusesse de autonomia de voo, isto é, da capacidade de aprender por conta própria, que somente um forte e sistemático exercício em pesquisa pode lhe assegurar? (2002, p. 116).

A fim de nos associarmos a esses questionamentos, neste recorte do estudo, ouvindo os professores pesquisadores consolidados, apresentamos algumas de suas ponderações. De imediato, cabe referir que todos os entrevistados se revelam como protagonistas de um processo que coloca dilemas e realizações àqueles que se propõem a integrar o ensino de graduação e a pesquisa nas universidades brasileiras. Assim, a interlocução com esses sujeitos evidenciou várias dimensões quanto a essa relação na universidade, refletindo a multiplicidade desse território. Nesse caso, por se tratar de uma pesquisa interinstitucional, com representantes de distintas áreas do conhecimento, é necessário considerar, também, que contextos diferenciados possam impactar de distintas formas as concepções desses docentes.

Ao serem instados a discorrer sobre o ensino na graduação e a pesquisa, os posicionamentos dos entrevistados convergiram, especialmente quanto: a uma pretensa qualidade de que se reveste a docência por meio da pesquisa; à ampliação, atualização e revisão constante de conhecimentos, por meio da pesquisa, que chegam às salas da graduação; ao apuramento da ação de orientação de trabalhos de conclusão de curso e outros; e à aproximação dos dados discutidos em aula, oriundos da pesquisa do professor, com a realidade dos estudantes, muitas vezes não discutida em bibliografias internacionais utilizadas na graduação. Outras ideias, tais como: “*Não consigo me ver como professor se não estiver envolvido com as questões que estudo, com a pesquisa que faço*”; “*Eu acredito [...] que o processo educativo tem de ter essa dimensão*

de pesquisa”; e “*A condição de docente também qualifica muito a pesquisa prática*” ilustram a premissa da qualidade ligada à indissociabilidade entre ensino de graduação e pesquisa.

Por essa via, ao observarmos os dizeres dos interlocutores, percebem-se variadas formas de conceber a pesquisa e sua relação com o ensino da graduação. Alguns dizeres revelam a *pesquisa como fonte de resultados* a serem apresentados em sala de aula, como meio de atualização das informações repassadas aos estudantes. Saberes relacionados ao constructo teórico oriundo da pesquisa são bastante valorizados por esse grupo de entrevistados. Para isso, segundo eles, é relevante ser um bom comunicador, dominar o tema, atualizar-se permanentemente e desejar transmitir o que construiu. Essa visão de indissociabilidade ensino/pesquisa, segundo Cunha (2010), é a mais usual e tradicional, centrando-se na distribuição do conhecimento. Os produtos da pesquisa seriam acessados de forma pública e universal pelos alunos, que se beneficiariam com isso. Segundo a autora, essa posição, ainda que defensável nos seus argumentos e na sua lógica, suscita questionamentos, pois pode não favorecer uma visão mais avançada do aprender. Outros interlocutores, em uma direção complementar a essa, parecem apontar a *pesquisa como aplicação*, destacando que as disciplinas profissionalizantes, ligadas à linha de pesquisa compatível ao seu campo de estudo, favorecem a análise, discussão e revisão dos conhecimentos; indicam que a pesquisa traz um conhecimento daquilo que é mais importante para o ensino, orientando a seleção de informações mais relevantes a serem desenvolvidas; apontam, também, nessa direção, que o docente desenvolve, com a pesquisa, uma maior autonomia em relação à análise de materiais didáticos a serem usados, pois pode aplicar os dados de suas próprias pesquisas; outro argumento que consolida essa concepção o é de que o domínio de métodos e técnicas de pesquisa impõe qualidade à docência, especialmente ao favorecer a análise de dados a ser apresentada aos alunos.

Há também, entre os nossos interlocutores, ideias que remetem à *pesquisa como ato formativo*, intrinsecamente relacionado aos processos educativos no ensino de graduação, ao encontro do que defende Demo (2009, p. 78): “para o aluno aprender, tem de pesquisar, principalmente, para se formar de maneira adequada. Pesquisa não se reduz a conhecimento de ponta, mas é, antes de tudo, ambiente de aprendizagem”. Segundo os entrevistados: “*O ensino precisa da reflexão, e da criatividade que o exercício da pesquisa pode dar, por mais simples que seja. Pesquisar faz parte da vida*”; “*A pesquisa tem se mostrado ferramenta essencial no desenvolvimento de conhecimento crítico por parte dos estudantes*”; e “*Uma coisa que a pesquisa faz é ajudar a gente a abrir os olhos, abrir os ouvidos para as coisas que estão acontecendo. Acho que uma grande coisa da pesquisa é isso. [...] um papel do ensino é ajudar que essa capacidade também se desenvolva*”.

É possível observar, nessas diferentes concepções, duas distinções centrais: a visão do ensino *com* pesquisa e a do ensino *para* pesquisa. O pri-

meiro, como entende Paoli (1988), visa ao desenvolvimento de habilidades intelectuais fundamentais, como “[...] decompor e recompor argumentos, estabelecer relações e elaborar abstrações a partir de regularidades e discrepâncias de dados e fatos, produzindo um certo nível de interpretação” (p. 38), envolvendo uma organização nova de ideias e não uma reprodução dos autores estudados, na perspectiva de “[...] formar pessoas com discernimento, com a percepção aguçada para lidar com o conhecimento, com a experiência de ter vivenciado alguns processos básicos contidos no seu modo de produção” (p. 39). Consiste ainda em um “[...] passo anterior ao ensino para a pesquisa ou para a formação do pesquisador profissional ou acadêmico” (p. 39).

A adoção da estratégia metodológica do ensino com pesquisa na graduação, como afirma Balzan (2002), é condição necessária para que se alcance um ensino de qualidade, sobretudo no contexto atual, marcado pela produção e profusão de conhecimentos de forma nunca antes vista. Essa realidade desafia a universidade e seus professores a centrarem seu trabalho na formação de sujeitos capazes de lidar com a pluralidade de conhecimento e de saber buscar, selecionar, relacionar, interpretar, resolver problemas inéditos de forma construtiva e autônoma ao longo da sua trajetória profissional. Tais habilidades se aprendem com o exercício da problematização e da investigação no contexto formativo.

Discute-se, ainda, como o ensino com pesquisa favorece uma relação dialética e dialógica entre teoria e prática, desafiando os estudantes a desconstruírem a expectativa da teoria que se encaixa como receita no exercício da prática, reforçada pela formação baseada na racionalidade técnica. Contreras (2002) nos ajuda nessa reflexão ao dizer que: “[...] a prática é em si um modo de pesquisar, de experimentar com a situação para elaborar novas compreensões adequadas ao caso, ao mesmo tempo em que se dá a transformação da situação” (p. 111).

Já ensino para pesquisa, mais voltado para a formação do pesquisador, implica, segundo Paoli (1988, p. 39):

[...] a produção de um conhecimento ou interpretação original, que significasse algo novo, que acrescentasse elementos para um avanço numa dada área de conhecimento [...] o uso de rigor na produção de dados e interpretações, seguindo os novos critérios que lentamente vinham sendo adotados pelas diferentes comunidades científicas [...].

Pressupõem-se habilidades como originalidade, rigor e domínio acerca do objeto em estudo e, portanto, um maior grau de aprofundamento do que é esperado na proposta do ensino com pesquisa.

Os entrevistados relataram benefícios que refletem na qualidade do seu ensino da graduação, oriundos do exercício da pesquisa, apontando que a pesquisa amplia a interação e a criticidade frente ao meio de atuação profissional, à área de estudo ou à sala de aula; promove sua constante atualização, amparando as construções teóricas por eles produzidas; mobiliza, também,

seu espírito investigativo, desenvolvendo a sistematização, a troca entre pares e a reflexão. Os alunos, ainda segundo nossos interlocutores, são beneficiados pela variedade e profundidade de dados apresentados pelos professores pesquisadores; pelo estímulo ao exercício da pesquisa, seja por meio de exemplos bem-sucedidos de investigações de seus docentes, seja pelo envolvimento nessas pesquisas; pela imersão no âmbito local, por meio das pesquisas; pelo exercício da pergunta e pelo desenvolvimento de conhecimento crítico, de uma racionalidade crítica, que amplia as possibilidades de intervenção no mundo. Tanto professores quanto alunos aumentariam seu campo de visão, construindo, revendo e discutindo novos conhecimentos, desenvolvendo processos pedagógicos coletivos de troca, de debate e de aprendizagem significativas.

Os professores pesquisadores destacaram que as habilidades constituídas por meio do exercício de pesquisa, como a indagação, a crítica, a criatividade e a flexibilidade, influenciam aquelas ligadas à docência. Nas suas ponderações, independentemente da área de conhecimento, a pesquisa influencia a qualidade do ensino de graduação: *“A pesquisa exige o desenvolvimento de um raciocínio fundamentado em metodologia científica, a qual facilita a exposição do professor de um determinado tema durante uma aula”*; *“A riqueza de detalhes que consigo trabalhar com meus alunos [...] só é possível em função da participação e da pesquisa que faço. Isso está intimamente relacionado ao desenvolvimento da criatividade que esse exercício permite”*; *“O professor pesquisador é sempre mais atualizado e mais crítico. Isso influi diretamente na qualidade de sua atuação na graduação”*; *“A pesquisa enriquece muito a minha aula, porque permite esse olhar amplo, não apenas algo muito focado apenas no meu dia a dia, na rotina”*; *“A condição de pesquisador acrescenta, ao espírito investigativo, em geral, ‘sistematização’ [no sentido assumido por Bernard Charlot], quer dentro de nós, quer na partilha com outros, quer nos procedimentos metodológicos [empíricos], quer nos reflexivos e de pensamento”*.

A premissa da qualidade de ensino da graduação ligada à pesquisa também circula entre tensionamentos, e vários são os condicionantes impostos a essa relação. Os entrevistados trazem alguns elementos que devem ser considerados, com ênfase à valorização excessiva para a produção científica em detrimento do ensino. Tal fator impacta a exigência de produtividade aliada à pesquisa, que toma tempo da docência ao gerar demandas de publicações, de gestão de grupos de pesquisa e de foco na pós-graduação; e leva à falta de disposição para investir na formação pedagógica em função da supervalorização da pesquisa. Quanto à graduação, sua lógica de ensino é contraditória frente à da pós-graduação; a pesquisa mostra-se, em muitas situações, restrita a programas de Iniciação Científica; o recrutamento de docentes, com ênfase ao ranqueamento de produções científicas, decorre em uma seleção de nova geração de doutores que sabe pesquisar, mas não detém experiência na do-

cência; emergem tensões entre a concepção de docência aprendida e as novas demandas pedagógicas. Questões estruturais, como o excessivo número de alunos nas salas de aula da graduação, também dificultam a inter-relação entre ensino e pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil tem, por razões diversas, a tradição acadêmica muito tardiamente ligada à pesquisa. Os frágeis e recentes movimentos de liberdade democrática podem ter contribuído com isso. É grande a dúvida acerca do papel que a docência e a investigação de fato ocupam na dinâmica universitária, acabando por embaçar ainda mais o potencial existente no campo da docência articulada ou não à pesquisa no contexto atual. Scott (*apud* Barnett, 2008) aponta que esses dilemas acabam por estar vinculados às próprias lideranças institucionais que, por falta de estratégias e prioridades, passam a atrapalhar as atividades da docência e da pesquisa, ora por apontar uma perspectiva política, ora por buscar uma perspectiva intelectual.

A articulação e/ou a desarticulação da docência com a pesquisa produz um tipo de entendimento acerca do papel da universidade na atualidade e, conseqüentemente, a ação do professor universitário acaba por se pautar na valoração ou não dessas atividades no desenvolvimento da sua intervenção profissional.

Para Scott (*apud* Barnett, 2008), é necessária uma organização institucional que possa articular as relações entre investigação e docência, mas, para isso, é fundamental enxergar mudanças nas práticas da investigação e da própria docência, dando uma nova conceituação à docência e reinventando a investigação.

Podemos apontar, em uma tentativa de síntese inicial, alguns pontos que serão ainda amadurecidos em outras análises em andamento:

a) a docência exerce um papel importante na profissionalidade dos sujeitos, mas é difícil de ser desenvolvida porque é cercada de tensionamentos e complexidades; b) há restrições para maior envolvimento com a docência na graduação, se comparada ao ato de fazer pesquisa, haja vista o *status* que esta ocupa no contexto da universidade e das regulações governamentais; c) a diferente natureza das áreas de conhecimento ouvidas projeta divergências desafiadoras, mas a central reside na concepção de aprendizagem como construção de conhecimento; d) as políticas internas institucionais precisam ser consolidadas na definição do que efetivamente interessa à universidade, revertendo a seu favor ações coletivas solidárias e cooperativas como forma de resistência às pressões externas; e) a pesquisa e o ensino devem caminhar com esse projeto, na busca de um trabalho de qualidade, que repercuta no entorno social.

Por fim, acreditamos que a própria maneira de conceber a formação profissional poderia passar por uma transformação, sob uma ótica da totali-

dade, pois as Instituições de Ensino Superior, como espaços educativos, são também responsáveis pela formação de seus membros como cidadãos e profissionais competentes.

REFERÊNCIAS

- BALZAN, Newton C. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como princípio metodológico. In: VEIGA, Ilma P.; CASTANHO, M. L. (orgs.) *Pedagogia Universitária: a aula em foco*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- CUNHA M. I. da (org). *Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES: CNPq, 2010.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PAOLI, Niuvenius J. O princípio da indissociabilidade do ensino e da pesquisa. *Cadernos CEDES* 22. Educação Superior: autonomia, pesquisa, extensão, ensino e qualidade. São Paulo: Cortez, 1988.
- SCOTT, Peter. Divergencia ou convergencia? Las relaciones entre docencia e investigación de la universidad superior de masas. In: BARNETT, Ronald (Ed.). *Para una transformación de la universidad: nuevas relaciones entre investigación, saber y docencia*. Barcelona: ediciones Octaedro, 2008, p. 75-90.